

*UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA*

9,5
DM

*A CONTRIBUIÇÃO DO DR. JANUÁRIO
CICCO À SAÚDE PÚBLICA NO RIO GRANDE
DO NORTE
(1909-1952)*

Kátia MESSIA VIEIRA DA SILVA

NATAL/RN

1999.

KÁTIA MÉSSIA VIEIRA DA SILVA

*A CONTRIBUIÇÃO DO DR. JANUÁRIO
CICCO À SAÚDE PÚBLICA NO RIO GRANDE
DO NORTE
(1909-1952)*

*Monografia apresentada à disciplina
Pesquisa Histórica II, ministrada pela
Professora Denise Mattos Monteiro, do
curso de História da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte, sob a
orientação do Professor Luís Eduardo
Brandão Suassuna.*

NATAL/RN

1999.

Dedico esta ao meu filho Arthur que com sua compreensão e dedicação me auxiliou nesta caminhada. Á ele com todo meu amor e carinho.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus pois sem ele esta jornada não teria sido possível.

À todos que direta ou indiretamente me auxiliaram nos momentos em que as dificuldades encontradas pelo caminho faziam-me quase fraquejar.

Tudo posso naquele que me fortalece.

Fl. 4:3

SUMÁRIO

A CONTRIBUIÇÃO DO DR. JANUÁRIO CICCO À SAÚDE PÚBLICA NO RN.

<i>INTRODUÇÃO</i>	<i>03</i>
 <i>CAPÍTULO 1</i>	
<i>A QUESTÃO DA SAÚDE PÚBLICA NO IMAGINÁRIO DAS ELITES</i>	<i>07</i>
<i>1.1 Início da instituição hospitalar no Rio Grande do Norte</i>	<i>09</i>
 <i>CAPÍTULO 2</i>	
<i>O HOSPITAL JUVINO BARRETO/ MIGUEL COUTO (1909-1952)</i>	<i>16</i>
<i>2.2 A criação</i>	<i>16</i>
<i>2.2 Atividades desenvolvidas (1909-1952)</i>	<i>19</i>
 <i>CAPÍTULO 3</i>	
<i>A CONTRIBUIÇÃO DO DR. JANUÁRIO CICCO À SAÚDE PÚBLICA NO RN</i>	<i>24</i>
<i>3.1 O Homem</i>	<i>24</i>
<i>3.2 As ações e contribuições na medicina local</i>	<i>26</i>
<i>3.3 A administração do Dr. Januário Cicco no Hospital Juvino Barreto/ Miguel Couto</i>	<i>28</i>
 <i>CONSIDERAÇÕES FINAIS</i>	 <i>32</i>
 <i>BIBLIOGRAFIA</i>	 <i>35</i>

INTRODUÇÃO.

*Da minha aldeia vejo quanto de terra se
pode ver no universo. Por isso a minha
aldeia é tão grande como outra terra
qualquer.*

Fernando Pessoa

INTRODUÇÃO

A saúde pública ainda é hoje uma área desprezada pelos governos em geral. Quantos hospitais públicos de última geração possuímos em todo o país ou no Rio Grande do Norte? Quase nenhum. Talvez possamos citar um ou dois. Esse descaso com a saúde pública tem acarretado milhares de mortes por ano devido a uma falta de atendimento adequado ou de instrumentos cirúrgicos necessários, ou ainda, por simples ausência de medicamentos para o tratamento das doenças.

No início do século XIX, a situação do Rio Grande do Norte na área de saúde era de calamidade. Não havia por parte do governo uma política de saúde. Por isto muitos natalenses vieram a falecer em epidemias. Existia na cidade apenas um hospital para o atendimento de toda a população do estado. O atendimento era deficiente, assim como as instalações estruturais e físicas dos edifícios que não eram dignas de um estabelecimento de saúde.

Em 1906, o então governador Tavares de Lira extingue o hospital. Apenas uma pequena enfermaria foi mantida praticamente sem recursos e sob a responsabilidade de Sinfrônio Barreto. Em 1909, o então governador Alberto Maranhão adaptou sua antiga residência de veraneio a uma instituição hospitalar, situada no Monte Petrópolis, designando para o cargo de diretor o Dr. Januário Cicco, que aí permaneceu até a sua morte em 1952.

Desaparecera o Hospital da Caridade da rua Presidente Passos, com a vista para o rio. No cima dos morros, o nosocômio olhava o mar, com as alegrias da luminosidade e os perfumes de cajueiros das dunas e salsugens das praias.¹

Todavia, uma grande batalha se iniciava para manter aquele que por muitos anos foi o único refúgio dos indigentes do estado - o Hospital Juvino Barreto, antigo Hospital de Caridade. A importância da criação deste hospital está no fato de ter sido um referencial e um ponto e apoio para a saúde pública do Estado. Afinal por causa do descaso do governo e do município o Estado não possuía nem Casas de Misericórdia, nem Pronto Socorro. A

¹ CASCUDO, Luis da Câmara Cascudo. **História da Cidade do Natal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: EDUFRN, 1980. P. 254.

falta destes determinaram uma sobrecarga no atendimento do Juvino Barreto que servia para atendimentos de emergência, além de ser maternidade e atender a classe mais rica quando esta necessitava de um atendimento mais especializado como cirurgias.

Anteriormente ao trabalho iniciado por Januário Cicco na saúde pública do Estado não existia a chamada política de internamento. Ou seja, os doentes pobres eram tratados em casa com caldo de galinha e sem se alimentarem devidamente já que se acreditava que o ato de comer era prejudicial ao doente. Os próprios medicamentos raramente eram utilizados. A crença era muito maior nos remédios caseiros, nos chás, nas ervas. Os ricos possuíam geralmente o médico da família que os assistia em casa, com todo conforto a que tinham direito.

O Dr. Januário Cicco quebra com essa tradição e inicia toda uma campanha de conscientização da população que vendo as melhorias implantadas no Hospital por ele administrado começa a confiar no internamento e a acreditar mais firmemente no atendimento hospitalar. Através de excelentes profissionais selecionados pelo Diretor do Hospital Juvino Barreto e de técnicas trazidas de fora do estado, cirurgias complicadas puderam ser realizadas, além da criação do atendimento especializado. Desta forma, foram criadas as clínicas de cirurgia, de urologia, de gastroenterologia, etc.

Uma outra importância na qual se baseia a pesquisa é o fato de Januário Cicco ter lutado e vencido satisfatoriamente num campo anteriormente desprezado e não raras vezes inexistente – o da saúde pública. O governo havia anteriormente tentado em alguns momentos a implantação de uma política mais efetiva que pudesse atender as necessidades da população. Entretanto, sempre falhou e as poucas vezes que conseguiu, os governos posteriores encerraram os projetos iniciados em governos anteriores. Nada, portanto, mais importante que estudar e tornar conhecida a obra de um homem que muito contribuiu e lutou para a instalação, consolidação e melhoria da saúde pública no Estado do Rio Grande do Norte, não medindo esforços neste sentido para que o seu desejo de ajuda aos pobres fosse realizado.

Este trabalho pretende portanto analisar a administração do Dr. Januário Cicco no Hospital Juvino Barreto/ Miguel Couto no período compreendido entre 1909, quando da fundação do Hospital, até o ano de 1952, data de falecimento do Diretor Januário Cicco, com o intuito de demonstrar a sua contribuição na melhoria do serviço de saúde do Rio Grande do Norte. Inseridos nesta finalidade maior, temos como objetivos específicos: analisar o processo de criação do Hospital, ou seja, identificar a

contextualização histórica que permitiu a reorganização do mesmo por meio do governador Alberto Maranhão; identificar as dificuldades que Januário Cicco enfrentou desde a criação do Hospital até sua morte em 1952; analisar a importância do Hospital para a saúde pública daquele momento, tendo em vista as melhorias inseridas, a criação de enfermarias, do Banco de Sangue, do Serviço de Pronto Socorro, etc.

Para que este trabalho monográfico pudesse ser realizado foram utilizadas exclusivamente fontes bibliográficas, dada a dificuldades de encontrar-se fontes primárias como relatórios da época, atas do Hospital, etc. Livros como o **História da Cidade do Natal** de Câmara Cascudo e **Hospitais do Rio Grande do Norte** de Clóvis Sarinho foram de fundamental importância para a construção das considerações referentes ao tema.

Para tanto, o trabalho encontra-se dividido em três momentos. No primeiro, procuramos dar uma breve visão do termo hospital, bem como o surgimento destas instituição e as origens das mesmas no Rio Grande do Norte. Dando prosseguimento ao referido estudo, trataremos da importância da criação do Hospital Juvino Barreto como marco referencial para a implantação e consolidação de uma política de saúde pública no estado.

Por fim, analisaremos a contribuição do Dr. Januário Cicco na implantação do projeto de saúde pública no estado. Desta forma, esperamos com o presente trabalho, contribuir para a abertura de novas perspectivas do conhecimento em nível local no que diz respeito ao tema estudado.

CAPÍTULO 1

A Questão da Saúde Pública no Imaginário das Elites.

*Um galo sozinho não tece um amanhã.
Ele precisará sempre de outros galos.*

João Cabral de Melo Neto.

CAPÍTULO 1

A QUESTÃO DA SAÚDE PÚBLICA NO IMAGINÁRIO DAS ELITES

O conceito que se tem dos hospitais como instituições responsáveis pelo tratamento do paciente e a cura deste é um termo relativamente recente. Aparece pela primeira vez no final do século XVIII mais precisamente em torno do ano de 1870. *É assinalado por uma nova prática; a visita e a observação sistemática e comparada dos hospitais.*¹

Neste período, foram enviados pelo interior da Europa vários viajantes entre os quais podemos destacar *Howard, inglês que percorreu hospitais, prisões e lazaretos da Europa, entre 1775,1780 e o francês Tenan, a pedido da Academia de Ciências, no momento em que se colocava o problema da reconstrução do Hotel Dieu de Paris.*² Estes viajantes eram uma espécie de observadores e tinham a responsabilidade de investigar as condições estruturais e funcionais dos hospitais.

A nova visão que surge sobre a instituição hospitalar foi portanto resultado dos dados coletados por estes viajantes que utilizaram todo um critério de investigação, desde a análise de um determinado tipo de cirurgia, para ser melhor sucedida em um específico hospital, bem como que elementos iriam interferir na cura ou agravamento no quadro clínico do paciente. Vale aqui ressaltar que

*antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão (...). O personagem ideal do hospital até o século XVIII, não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo. É alguém a quem se deve dar os últimos cuidados e o último sacramento. Esta é a função essencial do hospital.*³

Como podemos observar é a partir das investigações dos viajantes e dos

¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder: o nascimento do Hospital*. Rio de Janeiro: Graal, 1995. P. 99.

² *Ibid.* p. 99.

³ *Ibid.* p. 100.

dados coletados por estes, que a concepção do que deveria ser um hospital irá se modificar. Este será visto não mais como elemento de exclusão e sim como um instrumento terapêutico de intervenção sobre a doença e o doente. Torna-se instrumento suscetível, por si mesmo ou por alguns de seus efeitos de produzir cura. Esta nova visão também é resultado da evolução da prática médica, bem como da medicina, já que

*a medicina dos séculos XVII e XVIII, era profundamente individualista. Individualista da parte do médico, qualificado como tal ao término de uma iniciação assegurada pela própria corporação dos médicos que compreendia conhecimentos de textos e transmissão de receitas mais ou menos secretas ou públicas.*⁴

Haja visto que cabia ao médico observar o doente e a doença, seria a partir desta que o mesmo poderia transcrever o medicamento ideal para curar a doença. *Vê-se assim que nada na prática médica desta época permitia a organização de um saber hospitalar, como também nada na organização do hospital permitia intervenção da medicina.*⁵ Foi portanto necessário o surgimento da medicina científica no final do século XIX para que este quadro se revertesse e mudasse a visão que se tinha da instituição hospitalar e da própria medicina como ciência, visto que ambos permaneceram independentes até meados do século XVIII. Claro é que este é o cenário europeu. Contudo, no nosso país de ideais republicanos o quadro não se apresentava de forma muito diversa.

No Brasil,

*apenas nas cidades mais importantes havia assistência hospitalar e essa era em geral fornecida pelas Santas Casas, instituições religiosas, filantrópicas de caráter paternalista, inspirados na tradição de caridade cristã, típica do catolicismo.*⁶

*Afora as Santas Casas, era precária a assistência médico-hospitalar nas cidades do interior, faltando médicos e enfermarias.*⁷

⁴ Ibid. p. 101.

⁵ Ibid. p. 102.

⁶ COSTA, Emília Viotti da. **Da monarquia à república: momentos decisivos.** São Paulo: Brasiliense, 1987. P. 200.

⁷ Ibid. p. 217.

Com base na evolução tanto da medicina quanto da estrutura física e funcional dos hospitais brasileiros é que a visão da saúde pública no imaginário das elites mudará pois, o hospital não será mais uma instituição de reclusão, mas sim um local de tratamento e de cura de determinadas doenças. Por sua vez, a medicina já não será individualista e sim coletiva.

1.1. O Início da Instituição Hospitalar no Rio Grande do Norte

A situação dos doentes pobres antes do século XIX no RN era calamitosa, face a não existência de um local apropriado para abrigá-los e também devido a situação financeira destes, uma vez que muitos não tinham recursos para pagar os serviços prestados pelo médico e nem pelo tratamento da doença. Frente à este quadro, as epidemias atingem devastadoramente a população local, vindo muitos dos habitantes a sucumbir. Face à esta situação qualquer doença vinha a ser fatal para toda a população.

Os antigos falam repetidamente nas epidemias de câmara-de-Sangeu (disenteria hemorrágica), que matava como peste. E a febre amarela que nos visitou em 1850 sem que existisse recursos para enfrentá-la? E a cólera Morbo de 1856, tão violenta e feroz que a data ficou sendo conhecida como o ano do cólera.⁸

Diante dessa situação, muitos pedidos de recursos financeiros para a construção de determinado local para abrigar os doentes foram enviados pelas autoridades locais aos dirigentes responsáveis pelo país, sendo todos negados. *Avançando o século, os presidentes da província foram ficando mais positivos e alarmados ante a ausência de nosocômio modesto mas indispensável.⁹*

Cansado de esperar por uma ação nacional, o Presidente de Província Manuel Ribeiro da Silva Lisboa resolve a 07 de setembro de 1837 instituir um imposto para a criação e sustentação de um recolhimento e de um hospital que recebesse pessoas de

⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: EDUFRRN, 1980. P. 249.

⁹ *Ibid.* p. 249.

ambos os sexos, crente com a colaboração da população.

Pelo que hei observado da bondade e indole dos habitantes desta Provincia inclino-me a crer que eles não estranhariam um modesto imposto para a criação e sustentação de um Recolhimento de Órfãos desamparados e de um Hospital, que recebesse pessoas de ambos os sexos, as quais provassem, além de grave enfermidade, suma pobreza e desabrigo.¹⁰

Através desta fala podemos perceber que a idéia do Hospital como local de acolhida aos pobres ainda permeava todo o imaginário das autoridades e da população em geral aqui no Estado. Este fato pode ser explicado através da própria situação em que se encontrava a medicina e a prática dela. Ora, neste momento – início do século XIX – a prática de assistência aos doentes resumia-se em espalhar remédios e enviar um curioso com o objetivo de visitá-las.

Tal imposto foi recolhido por 8 anos aos cofres públicos. Mas, o pedido só seria aprovado em 1845 na forma de lei que autorizaria a construção do hospital. Esta era a de nº 132 de 01/11 do curso vigente, autorizando ao presidente da província a estabelecer uma casa de caridade na capital. Levou-se aproximadamente 20 anos para a conclusão desta instituição hospitalar.

Uma epidemia de cólera assolou a cidade em 1855 e devastou grande parte da população, o que levou o então presidente da província Antônio Bernardo de Passos a criar o primeiro Hospital de Caridade. Foi criado pela lei provincial nº 355 de 10 de setembro de 1855. Funcionou no lugar denominado Passo da Pátria, perto da pedra do Rosário, então na época denominado Ladeira do Salgadeira.

Ao hospital deram-se as dimensões tais que pudessem acomodar 40 doentes do sexo masculino e outros tantos do feminino além dos repartimentos necessários para outros miseráveis do serviço a quem era destinado; dar-se-lhe amplitude era correr muito risco de sermos surpreendidos pela epidemia sem a obra estar finda; para aventurar o menos possível, fiz construir primeiro uma casa de oitões, aonde deviam ser recolhidos os doentes; e depois anexar-lhe duas tacaniças, em que foram acomodados os repartimentos necessários ao hospital. A maior atividade possível foi desenvolvida na construção desta obra: empregaram-se nela todos os pedreiros, e quase todos os

¹⁰ Ibid. p. 249-250.

carpinteiros da cidade; e não obstante ter de comprimento 176 palmos e 53 de largura, ter-se-ia acabado em menos de dois meses e meio, se a falta de tijolos de ladrilho, de algumas portas, e janelas, não tivesse feito parar a obra já no fim.¹¹

Ainda assim, as dificuldades para o erguimento deste foram inúmeras como pode ser observado pela fala de Antônio Bernardo de Passos, transcrita acima. Infelizmente, no que se refere à prática da assistência hospitalar, esta deu um salto muito pequeno. Apesar de ter sido a 1ª instituição hospitalar criada no estado, esta servia mais como uma casa de reclusão ou isolamento do que um local apropriado para o tratamento e cura de doenças. Como afirma Cascudo *o presidente Passos fizera construir uma lazareto isolando os coléricos da cidade.*¹²

Durante muito tempo esta instituição funcionou em precárias condições estruturais, como também funcionais. Faltavam leitos, roupas, louça, instrumentos cirúrgicos. A casa era velha. Tais condições adviam do desequilíbrio financeiro da província e da falta de interesse das autoridades públicas com a saúde da população. Para tentar amenizar a situação surge em 1863 a idéia de criar uma associação de caridade, cuja a finalidade seria manter o hospital através de subvenção e auxílios. A associação fracassou.

Com o advento da República, poucas melhorias foram introduzidas na estrutura física ou mesmo funcional do Hospital da Caridade. Em 1906, o então Governador Tavares de Lira, baixaria um decreto extinguindo o hospital.

Para que os doentes miseráveis não fossem atrados à rua, Sinfrônio Barreto ficou responsável por uma enfermaria, a São Vicente de Paula, no antigo prédio quase sem auxílio ou com eles insuficientes.¹³

Como podemos observar, tal atitude mostra o descaso com a saúde pública por parte das autoridades civis da província. A enfermaria São Vicente funcionou durante aproximadamente quatro anos quando em 21 de agosto de 1909, o então governador Alberto Maranhão através do decreto nº 205 comprou uma residência no Monte Petrópolis e adaptou-a para ser um hospital. À este deu o nome de Hospital Juvino Barreto. Era

¹¹ Ibid. p. 250-251.

¹² Ibid. p. 251.

¹³ Ibid. p. 254.

composto de 18 leitos e ficou sob a direção do Dr. Januário Cicco que tinha como auxiliares um grupo de freiras da Ordem de Santana contratadas para prestarem assistência aos enfermos e para a direção doméstica.

Em 1911, ainda sob o governo de Alberto Maranhão é criado o Asilo de Mendicidade Padre João Maria, cuja finalidade era abrigar e tratar os mendigos da cidade. Esta instituição funcionou numa antiga casa onde hoje está instalado o Centro de Turismo de Natal. O referido asilo foi ampliado e adaptado e dispunha de 50 leitos. Até o presente momento, como podemos notar, todas as instituições criadas para cuidar e tratar da saúde da população da capital foram alojados em instalações não apropriadas. Verifica-se com isto, o mesmo fenômeno ocorrido na Europa no início do século XIX, onde os edifícios e casas destinados à assistência hospitalar eram prédios readaptados para este fim.

No governo de Ferreira Chaves, o Hospital Juvino Barreto fez uma ampliação nas instalações do prédio, construindo um pavilhão de pensionistas e a sala de operações. Com o passar dos anos, alguns segmentos da sociedade civil, face a precariedade do sistema de saúde oferecido pelo Estado, resolveram criar

*em 25 de maio de 1927 a Sociedade de Assistência Hospitalar. Januário Cicco, diretor-médico. João Galvão Filho, tesoureiro, Fernando Gomes Pedrosa, secretário. NO dia 30 de junho de 1927 a Sociedade contrata com o governo do Estado a transferência do Hospital Juvino Barreto por vinte anos.*¹⁴

O hospital foi redenominado de Miguel Couto em 1935.

*No segundo semestre de 1935, precisamente em outubro, o Hospital mudava de nome, passando a chamar-se Hospital Miguel Couto. Foi assim o segundo nome do Hospital. mudança feita por capricho do diretor, e recebida com total desaprovção por toda a população do Estado.*¹⁵

Continua ainda Sarinho demonstrando sua total indignação com o fato,

Não fora o nome de Juvino Barreto Ter sido dado a uma rua no centro da cidade, e, mais tarde adotado por uma instituição de caráter filantrópico, o Abrigo dos Velhos,

¹⁴ Ibid. p. 255.

¹⁵ SARINHO, Clóvis Travassos. **Hospitais do RN: notas, apontamentos, história.** Natal: Hospital Universitário Onofre Lopes, 1988. P. 45.

*seria o ilustre norte-riograndense totalmente ignorado pelas novas gerações.*¹⁶

A criação dessa Associação trouxe melhorias na qualidade da assistência médico-hospitalar da cidade. Esta representou também um passo significativo para a criação de novas instalações médico-hospitalares pois, durante o período em que a Associação esteve dirigindo o Hospital Miguel Couto, ela ampliou a capacidade de leitos de 18 em 1909 para 379 em 1946, além de inaugurar a 30 de dezembro de 1945 o Serviço de Pronto Socorro, o primeiro de Natal e reformar a estrutura do prédio, modernizando-o.

Tal serviço foi de grande relevância à comunidade que ganhou em 1952 o reconhecimento do então governador Sílvio Pedrosa que propôs a *Assembléia Legislativa a doação do Hospital Miguel Couto com instalações e terrenos anexos a Sociedade de Assistência Hospitalar.*¹⁷ A Assembléia aprovou o pedido do governador através da Lei 693 de 07 de novembro de 1952. Desde a criação do primeiro hospital no estado todos os casos passaram a ser neste tratados. Homens, mulheres e crianças eram atendidos e clinicados no mesmo local.

Em 1927, preocupado com a saúde das crianças no Estado pois não havia nenhuma entidade médico-assistencial para tal fim - afinal *as crianças pobres até então eram atendidas em hospitais de adultos, ocupando enfermarias comuns quando se fazia necessário o seu internamento*¹⁸, o médico Varela Santiago resolveu criar uma instituição com o objetivo único de atender a estes pequenos seres humanos. De início, tal instituição funcionou na residência do médico, localizada na Rua da Conceição, sendo mais tarde transferido para a sede própria do Instituto na Avenida Deodoro da Fonseca, onde funciona até hoje. O referido Hospital,

*Tem como finalidade prestar assistência médico-social gratuita à infância desamparada sem distinção de credo político ou religioso ou qualquer preconceito de raça ou cor. Instituto de Proteção e Assistência à Infância do Rio Grande do Norte é uma instituição filantrópica, não podendo, portanto, auferir lucros para distribuição de dividendos aos seus associados, e todos os serviços assistenciais serão prestados gratuitamente.*¹⁹

¹⁶ Ibid. p. 45.

¹⁷ Ibid. p. 57.

¹⁸ Ibid. p. 66.

¹⁹ Ibid. p. 43.

O segundo hospital a ser construído na cidade foi a Policlínica do Alecrim, inaugurado em 14 de julho de 1939 no salão nobre da Associação dos Escoteiros do Alecrim. Tendo os seus serviços iniciados a partir de 14 de março de 1944 sua principal função seria ambulatorial. Mas, a partir de 1941 este hospital estende sua função para o atendimento às parturientes instalando em seu prédio uma enfermaria com dez leitos destinados ao atendimento destas, sendo com isto pioneiro no atendimento as necessidades femininas.

Graças ao pioneirismo de alguns jovens médicos, verifica-se que a partir da década de 30 há uma preocupação maior com a saúde da população carente, muitas vezes sem o apoio do Estado, criando associações e administrando os hospitais.²⁰

Em 1967, o Hospital de Policlínica do Alecrim passou a ser chamado de Hospital Luís Soares. As constantes reivindicações da classe médica e autoridades civis pela melhoria dos serviços prestados e também pela construção de um edifício destinado a atender a comunidade feminina faria nascer a 12 de fevereiro de 1950 a Maternidade do Natal. Posteriormente, esta passaria a ser chamada Maternidade Januário Cicco em homenagem ao idealizador desta instituição. A partir destas instituições iriam surgir no Estado novos locais para o atendimento médico-hospitalar.

Assim, desde o período do surgimento das primeiras instituições hospitalares no estado, observou-se a falta de uma política de assistência à saúde da população por falta das autoridades civis. Isto porque como pudemos verificar, as instituições aqui criados surgiram a partir de segmentos não ligados aos governos. Ligados sim à associações ou entidades filantrópicas sem fins lucrativos que fundavam hospitais para o atendimento a doentes pobres. Hoje, observa-se uma pequena mudança pois temos verificado um aumento do número de instituições públicas destinadas ao atendimento da população, embora precária. Por outro lado, houve uma diminuição no número de entidades ou associações filantrópicas destinadas ao atendimento das classes menos favorecidas.

²⁰ ARAÚJO, Kaline Maria Antunes. **Maternidade Escola Dr. Januário Cicco, uma abordagem histórica**. Natal: UFRN, 1997. Monografia (Graduação em História). P. 18-19.

CAPÍTULO 2

*O Hospital Jovino
Barreto/ Miguel Couto
(1909-1952)*

*Tomou o nome de Hospital Jovino
Barreto, industrial e filantropo, cheio de
virtudes cristãs. O dr. Januário Cicco foi
o primeiro diretor, nomeado a 31-8-1909.*

Luís da Câmara Cascudo.

CAPÍTULO 2

O HOSPITAL JUVINO BARRETO/MIGUEL COUTO (1909-1952)

2.1. A Criação

Foi criado pelo governador Alberto Maranhão em 25 de agosto de 1909 para suprimir a ausência de uma unidade hospitalar na cidade, haja vista a extinção em 1906 do antigo Hospital da Caridade. O Hospital Juvino Barreto foi instalado numa antiga residência de veraneio do governador no Monte Petrópolis cedida inicialmente pelo Estado. O seu corpo médico era composto pelo Dr. Januário Cicco (primeiro diretor nomeado a 31 de setembro de 1909); José Lucas do Nascimento, enfermeiro tido na visão popular da época como *um doutor de gente pobre, popularíssimo sob o apelido de José Enfermeiro*¹, devido aos serviços prestados à população carente e ainda por um grupo de freiras da Ordem de Filhas de Santana que foram contratados para prestar assistência aos enfermos e supervisionar as atividades domésticas.

Sua capacidade física era de 18 leitos. Durante oito anos o Hospital só tinha no seu quadro médico o Dr. Januário Cicco que atendia a todos os casos de doentes hospitalizados e ainda administrava a instituição. Só em 1917 é nomeado o Dr. Otávio de Gouveia Varela para prestar serviços ao hospital. Foi o segundo médico daquela instituição.

*A cidade crescia, e o hospital não podia continuar com o pequeno número de leitos de que dispunha. Com subvenção recebida do estado e com as economias feitas, o diretor ampliava as acomodações para abrigar mais leitos. Ao mesmo tempo construía alguns quartos que seriam destinados aos poucos pacientes particulares, com o objetivo de aumentar a renda do hospital.*²

¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: EDUFERN, 1980. P. 254.

² SARINHO, Clóvis Travassos. *Hospitais do RN: notas, apontamentos, história*. Natal: Hospital

A população norte-rio-grandense apenas iria modificar sua visão sobre a instituição hospitalar,

*À medida que o Hospital melhorava suas instalações, conseqüentemente adquiria condições de prestar melhor atendimento, o os doentes que dispunham de algum recurso, começavam a aceitar a hospitalização para tratamento, graças a um trabalho de convencimento feito pelos médicos.*³

No governo de Ferreira Chaves, o hospital sofreu uma reforma onde foi construído um pavilhão para os pensionistas e uma sala de operações. As mudanças implantadas no hospital trouxeram melhoras no atendimento à população local, levando os doentes que dispunham de mais recursos a procurar o mesmo para o tratamento de suas doenças, já que antes eram tratados em suas residências, em virtude de ser este o costume da época. À medida que o hospital tinha sua estrutura física ampliada, o seu corpo médico e os equipamentos hospitalares também eram ampliados e modernizados. Em 1926 ingressaram no quadro novos médicos e o número de leitos subiu para cem (100).

Pensando sempre em melhorias para as instituições, o Dr. Januário Cicco sugeriu ao governo a criação de uma fundação que ficaria encarregada de arrecadar novas fontes de renda para os possíveis gastos com a instituição.

*O governador José Augusto Bezerra de Medeiros concordou com a fundação de uma Sociedade com o objetivo de administrar o hospital que, embora pertencendo ao estado, passaria a ser dirigido pela entidade a ser criada, mediante contrato, ficando o presidente da mesma obrigado a apresentar ao governo relatório anual com prestação de contas. Estava fundada a Sociedade de Assistência Hospitalar, cuja diretoria foi constituída pelos Srs. Fernando Gomes Pedroza, José Lagreco, João Galvão Filho e Januário Cicco, que assumiu a presidência, ficando a mesma com a responsabilidade de dirigir o hospital a partir de 01 de julho de 1927.*⁴

Durante o período em que a Sociedade de Assistência Hospitalar esteve gerenciando o hospital, percebeu-se um certo crescimento no atendimento ao público, bem como uma melhoria nos serviços prestados a população do Rio Grande do Norte. Para os

Universitário Onofre Lopes, 1988. P. 39.

³ Ibid. p. 40.

governadores parecia preferível permanecer a administração do hospital em mãos capazes e honestas do que passar a ser dirigido talvez por inexperientes, o que certamente acarretaria prejuízos às instituições que vinham funcionando convenientemente. Em outubro de 1935, ocorre uma nova mudança no nome do Hospital que passaria a chamar-se, a partir daquele momento, Hospital Miguel Couto.

Sentindo a necessidade da existência de um serviço de pronto-socorro na cidade, haja vista que na mesma não havia e toda a assistência aos doentes nos casos de medicina e cirurgia de urgência serem prestados pelo Hospital Miguel Couto, sendo estas *mais uma obrigação imposta as chefes de serviço (clínica médica e cirurgia) sem qualquer remuneração*⁵, a Sociedade de Assistência Hospitalar resolve criar em dezembro de 1945 o Serviço de Pronto Socorro. Este foi mais um dos serviços a serem prestados pela instituição à população. Os outros foram as clínicas médico-cirúrgico, a urológica, a otorrinolaringológica, a oftalmológica e ainda uma enfermaria reservada para gestantes.

Após a criação do Serviço de Pronto Socorro, a Associação na pessoa do Dr. Januário Cicco *debruçou-se sobre outro projeto: construção e implementação de uma maternidade cujo atendimento fosse aberto a todas as classes sociais*⁶ pois, não havia na cidade até aquela data, um hospital voltado para as necessidades femininas. O Dr. Januário Cicco então,

*promoveu diversas campanhas, movimentou as classes empresarias e politico, pôs em movimento diversas associações visando angariar fundos até que a 12 de outubro de 1950, fundou a Maternidade - Escola (Depois Maternidade Januário Cicco)*⁷

Em 1952, atendendo aos pedido do Dr. Januário Cicco, o então governador Sílvio Pedroza envia uma mensagem à Assembléia Legislativa na qual propõe a doação do Hospital Miguel Couto com instalações e terrenos anexos à Sociedade de Assistência Hospitalar. A mensagem é aprovada na forma da lei 693 de 07 de novembro de 1952, com uma única ressalva - que a instituição deveria manter gratuitamente leitos de pensionistas para funcionários estaduais.

⁴ Ibid. p. 44.

⁵ Ibid. p. 47.

⁶ FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Estudos e Pesquisa Juvenal Lamartine. **Personalidades históricas do Rio Grande do Norte (séc. XVI a XIX)**. Natal, 1999. p. 122.

⁷ Ibid. p. 122.

Estando consolidada a transferência da instituição hospitalar para a Associação, esta resolve formar um centro de estudos que serviria como marco inicial para a idéia já presente há algum tempo, ou seja, a fundação de uma faculdade de medicina. Ora,

A Sociedade de Assistência Hospitalar dispunha de uma situação privilegiada para a criação de uma escola de medicina, fato que não ocorreu com muitas faculdades criadas no Brasil, porquanto possuía, como já foi dito, uma maternidade moderna e bem aparelhada, e um hospital embora antigo mas dispo de regulares instalações e de grande área de terreno para futuras construções ...⁸

Tal idéia foi fundamentada a 05 de fevereiro de 1955. Contudo, só a partir de março de 1956 é que terá se iniciado o curso médico. Assim, a partir daquele momento, o Hospital Miguel Couto passava a prestar serviços para a faculdade onde eram ministradas as disciplinas curriculares do curso de medicina.

Em dezembro de 1960 é assinado entre a Associação e a União o ato de federalização da universidade, passando o hospital a partir daquele instante para a responsabilidade do governo federal. Este então recebeu o nome de Hospital das Clínicas, atual Hospital Universitário Onofre Lopes.

2.2. Atividades Desenvolvidas (1909-1952)

As primeiras atividades desenvolvidas logo no início da criação do hospital estariam correlacionadas a abrigar doentes indigentes, pois *as pessoas abastadas e mesmo as de algum recurso costumavam tratar seus pacientes em casa onde, além de conforto, poderia haver outros meios indispensáveis a cura dos doentes.*⁹

Tal fato se explica pelo imaginário popular na qual perpassava a idéia da instituição Hospital como sendo essencialmente um local de assistência aos pobres. Outro aspecto que também contribuiu para tal procedimento foi o falta de uma política de saúde

⁸ SARINHO, Clóvis. op. cit. p. 57.

⁹ Ibid. p. 37.

pública por parte do governo local. Fato este comprovado pelo costume no qual os dirigentes da época tinham que era o de *espalhar remédios, parcamente na intenção de assistência aos pobres mandando os visitar por um curioso*.¹⁰

Além disso, a própria estrutura física do hospital era outro fator preponderante que inibia a procura da população pelos serviços médicos neste local pois,

*o que havia em Natal naquela época era mais um pardieiro, depósito de doente infectados e desenganados que fazia as vezes de hospital, onde os pestilentos, os condenados à noite e as desvalidas da sorte, abandonados pelas suas famílias, aguardavam a hora da morte, sob os cuidados de um único enfermeiro.*¹¹

Para reverter tal quadro seria necessário a implantação de melhorias tanto no que diz respeito a infra-estrutura, quanto aos serviços prestados pela instituição. Isso só seria possível com a disponibilidade de mais recursos financeiros o que o estado naquele momento não dispunha. A par da situação coube ao então diretor do hospital, o Dr. Januário Cicco, procurar meios que revertissem tal quadro

*com subvenção recebida do estado, e com as economias feitas, o diretor amplia as acomodações para abrigar mais leitos ao mesmo tempo constava alguns quartos que seriam destinados aos poucos pacientes particulares com o objetivo de aumentar a renda do hospital. Tudo isso feito graças ao prestígio do diretor junto ao comércio, que lhe fornecia o que estava necessitando a prazo e sem juros.*¹²

Tais procedimentos juntamente com um trabalho de convencimento desenvolvido pelos médicos aos pacientes que dispunham de algum recurso propuseram ao hospital uma nova clientela, que resultaram numa nova fonte de renda para melhoria de suas instalações e de atendimento a população. A partir deste instante o hospital deixa de ser um local exclusivamente de abrigo e assistência aos pobres para exercer o papel de instituição voltada para a curar e tratar de pessoas de todas as classes sociais da cidade.

Com o passar dos anos, as autoridades locais, passaram a dar uma maior atenção à questão de saúde pública implantando melhorias no hospital como as realizadas

¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara, op. cit., p. 249.

¹¹ ARAÚJO, Iaperi. **Januário Cicco - um homem além do seu tempo**. Natal: Fundação José Augusto, 1985. p. 14.

¹² SARINHO, Clóvis, op. cit., p. 39.

pelo governador Ferreira Chaves a saber: a construção de pavilhão de pensionista e a sala de cirurgia, além da criação da seção hidroterápica. Outro governante que também procurou ampliar os serviços prestados pela instituição foi o governador Antônio de Souza que autorizou o diretor do hospital a criar as clínicas de odontologia e oftalmologia. *Em 1927, o hospital já contava com maior número de clínicas... funcionavam as clínicas Médica e Cirúrgica, Oftalmologia, Odontologia, Fisioterapia, Laboratório de Análises e pavilhão de Maternidade.*¹³

Apesar das melhorias implantadas no hospital no decorrer do tempo o mesmo não tinha um bom funcionamento devido aos entraves da burocracia oficial. Pensando em solucionar tal problema o então governador José Augusto acatou a idéia do Dr. Januário Cicco da *criação de uma caixa hospitalar, onde seriam recolhidas as rendas com pensionistas para reinvestimento nas necessidades mais urgentes do hospital, sem os atropelos da burocracia.*¹⁴ Desta idéia surgiu em 25 de maio de 1927 a Sociedade de Assistência Hospitalar cujo objetivo seria administrar o hospital de caridade Juvino Barreto e seus anexos.

*Em 30 de junho de 1927, foi firmado o contrato entre o estado e a sociedade de Assistência Hospitalar, assumindo esta responsabilidade da direção e administração do hospital mediante o recebimento de uma subvenção anual de cem contos de reis, com a duração de 20 de anos a contar de 01 de julho de 1927.*¹⁵

A partir dessa data a qualidade de assistência médico-hospitalar no Estado teve um salto de qualidade onde foram introduzidas novas clínicas médicas no hospital e feitas algumas ampliações, remodelações e criações de salas de serviços especializadas, além da introdução de novos equipamentos. Tudo visando a um melhor atendimento da população. No período de 1934 a 1944, o Hospital Juvino Barreto (Miguel Couto-1935) é o único hospital geral da cidade atendendo além dos doentes locais, os vindos do interior e até de estados vizinhos. Em 1952, o Hospital Miguel Couto é doado à Sociedade de Assistência hospitalar e contava com divisões especializadas funcionando regularmente e dispondo de quase trezentos leitos. Desde a sua criação, o Hospital Juvino Barreto

¹³ ARAÚJO, Iaperi, op. cit., p. 18.

¹⁴ Ibid. p. 18.

¹⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. **O Livro das velhas figuras**. Natal: Instituição Histórica e Geográfica do RN, 1980. v. 2. p. 68.

procurou suprimir a carência de assistência médica à população carente local já que este era o único hospital geral existente na cidade até há alguns anos atrás quando da construção pelo Estado, com o auxílio do governo federal, do Hospital Walfredo Gurgel.

CAPÍTULO 3

A Contribuição do Dr. Januário Cicco à Saúde Pública no RN.

*A utopia é o ponto de partida de todo
progresso e o germe de um melhor
futuro.*

Roberto das Neves.

CAPÍTULO 3

A CONTRIBUIÇÃO DO DR. JANUÁRIO CICCO À SAÚDE PÚBLICA NO RN.

3.1. O Homem

Há personalidades que sempre estão um pouco à frente da época das quais fazem parte. São pessoas obstinadas, audazes e que fazem de seus sonhos e ideais, suas vidas. À estas cabem ao historiador o dever de resgatar sua memória como diria o historiador e filósofo romano Sêneca: *um deve esquecer-se do que deu, o outro nunca deve esquecer-se do que recebeu.*¹

O Dr. Januário Cicco foi uma dessas pessoas. Um homem culto, inteligente e humano e que fez de suas idéias sua luta de vida. De acordo com o médico Iaperi Araújo, *um homem além de seu tempo.*² Potiguar, natural do município de São José do Mipibu, filho de Vicente Cicco, imigrante italiano e comerciante e de D. Ana Albuquerque de Cicco, potiguar nativa da região, nasceu aos 30 de abril de 1881 e faleceu em Natal a 01 de novembro de 1952.

Toda a sua infância foi passada na cidade onde nasceu. Aí aprendeu a ler e escrever. Já adolescente transfere-se com sua família para a capital, onde dá continuidade aos seus estudos. Anos mais tarde parte para o estado da Paraíba, onde foi freqüentar o curso de humanidades e ingressará no seminário, permanecendo neste por apenas um ano. Retorna à Natal e matricula-se no Atheneu Norte-rio-grandense, concluindo neste estabelecimento de ensino aos 18 anos, seus estudos secundários. No mesmo ano parte para Salvador e matricula-se na Faculdade de Medicina da Bahia, colando grau em 1906.

Retorna à Natal no mesmo ano onde instala seu *consultório na casa de seus pais, à rua das virgens, em cujos terrenos dos fundos, depois de casado, construiu a sua própria casa de morada, o atual número 158 da rua Duque de Caxias*³, tornando-se o

¹ MEDEIROS, Bianor. **Um símbolo**. Brasília: Gráfica do Senado, 1972. P. 11.

² ARAÚJO, Iaperi. **Januário Cicco- um homem além do seu tempo**. Natal: Fundação José Augusto, 1985. P. 72.

³ Ibid. p. 13-14.

primeiro profissional a exercer a medicina preventiva no Rio Grande do Norte. Anos mais tarde casa-se com a pernambucana Isabel Simões, de cuja união tem a sua única filha Ivete Cicco.

A Natal na qual o mesmo clinicava nessa época não dispunha de um hospital que prestasse bons serviços assistenciais aos doentes pobres. O Dr. Januário Cicco então faz as autoridades públicas locais constantes solicitações para a construção de uma instituição digna para o tratamento destes pacientes sendo atendido apenas em 1909 pelo então Governador Alberto Maranhão, o qual entrega ao Dr. Januário a direção da instituição hospitalar criada que viria a ser denominada de Hospital da Caridade Juvino Barreto. Por 43 anos o Dr. Januário Cicco administrou o hospital Juvino Barreto/Miguel Couto (1909-1952).

Desde o momento em que assumiu o hospital, o Dr. Januário Cicco lutou perante aos órgãos públicos e segmentos da sociedade civil por mais recursos para a implantação de reformas e melhorias estruturais na entidade que visavam o melhor atendimento da população. Mas este sempre debatia com a burocracia oficial que cada vez mais impedia o bom funcionamento daquela instituição. Tentando solucionar tal problema o mesmo lançou uma idéia junto ao governador José Augusto da criação de

uma sociedade civil com o nome de Sociedade de Assistência Hospitalar aos pobres do estado, propondo para atingir esses fins, a contratação com governo do estado, da administração do hospital da caridade Juvino Barreto e seus anexos, conforme autorização dada pela legislação.⁴

Ao mesmo tempo em que exercia a função de diretor do hospital Juvino Barreto, este também ocupou pelo período de 1914 a 1939 a função de inspetor de saúde do porto. Em 1920 participou conjuntamente com outros colegas seus da fundação da Escola de Farmácia de Natal, na qual ocupou o cargo de diretor e professor da disciplina de toxicologia e legislação farmacêutica.

Homem sempre obstinado, humano, fez da medicina e de seu trabalho sua vida. Dedicou grande parte do seu tempo à causa da saúde pública implantando novos serviços no Hospital Juvino Barreto, bem como da construção de uma maternidade. Grande estudioso da medicina criou no Hospital Miguel Couto (antigo Juvino Barreto) um centro de estudo que serviu para elaboração de diversos trabalhos científicos publicados:

“Destino dos Cadáveres”, “Puericultura do ano 2000”, “Como se Higienizaria Natal”, “Abrigo Padre João Maria”, “Notas de um Médico de Província”, “Eutanásia”, “Herança Mórbida”, “Grande Mal”.

Em 1950, inaugura-se a tão sonhada Maternidade que posteriormente receberá seu nome. Dois anos mais tarde vem a falecer em Natal. Assim, descreveu Câmara Cascudo,

De incomparável capacidade realizadora, dons excepcionais de comando, comunicante, entusiasmo, orador brilhante, foi um legítimo benfeitor da coletividade. A prefeitura de Natal deu seu nome ao prolongamento da Av. Duque de Caxias, onde residira tradicionalmente (Lei n.º 243 de 14 de outubro de 1953).⁵

3.2. As Ações e Contribuições na Medicina Local

O legado deixado pelo Dr. Januário Cicco para a área de saúde local é muito importante. São vastos seus trabalhos científicos sobre determinados termos sendo ainda hoje referências utilizadas nas salas de aula pelos acadêmicos de medicina. Contudo, entre todas as obras deixadas para o desenvolvimento da medicina local a que merece destaque é a sua luta e coragem para melhoria e qualidade do sistema de saúde pública a qual era prestada pelas instituições governamentais do Estado à população carente. Isto porque antes de Januário Cicco, a única instituição destinada a este fim tinha sido fechada pelo Governador Tavares de Lira, no ano de 1906, devido às péssimas condições estruturais do local.

Não havia em Natal *as Santas Casas de Misericórdia, instituições de caridade instaladas em diversas capitais do Norte ao Sul do Brasil e também em muitas das cidades do vasto interior do nosso país.*⁶ Estas entidades filantrópicas recebiam um certo auxílio financeiro do Estado, embora na maioria das vezes insuficiente face às

⁴ Ibid. p. 20.

⁵ CASCUDO, Luís da Câmara. **Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1968, p. 193.

⁶ SARINHO, Clóvis Travassos. **Perfis de Médicos do Rio Grande do Norte**. Natal, 1984, p. 11.

despesas com o tratamento dos doentes. *O fato de não ter chegado a Natal a instituição beneficente para prestar os seus bons serviços a pobreza deve ser explicado por desinteresse das políticas do passado pelos problemas de assistência médica.*⁷

Outra peculiaridade frente a este quadro refere-se a prática da medicina da época. Ou seja, a medicina domiciliar, prática reinante entre os pacientes com recursos financeiros eram tratados em suas residências, cabendo os hospitais àqueles que não possuíam nenhum recurso – os indigentes. Tentando reverter este processo o Dr. Januário Cicco lançou um trabalho pioneiro de convencer pouco a pouco os doentes, fazendo-lhes ver a necessidade de ser-lhes prestado assistência em ambiente hospitalar, onde havia certas condições e o mínimo de segurança.

Não foi fácil convencer a população de tal idéia. Mas, aos poucos começavam as hospitalizações para o tratamento. O resultado deste trabalho foi o aumento na renda do hospital com mais uma fonte financeira, o que possibilitava a este implantar novos serviços, reformas e ampliar aquela instituição hospitalar, visto que os recursos advindos do estado mal davam para pagar as despesas.

Durante o período em que estive à frente do Hospital Juvino Barreto (Miguel Couto) o Dr. Januário Cicco procurou adequar esta instituição às necessidades da população. Quando inicialmente possuía apenas 18 leitos, ao fim, aquela contava com quase 300. Os serviços prestados pelo mesmo iniciaram-se com a clínica médica. Com o passar dos anos foram criadas novas clínicas como: cirúrgica, urológica, otorrinolaringológica, oftalmológica, neurológica, etc. Sempre pensando em melhorias no atendimento da população o Dr. Januário Cicco criou a Escola de Auxiliares de Enfermagem, cuja finalidade era dotar a sociedade de assistência hospitalar e seus hospitais de pessoal devidamente capacitado. Mas talvez uma de suas maiores obras foi sem dúvida a participação na fundação do Centro de Estudos da Sociedade de Assistência Hospitalar que tinha por objetivo estimular a discussão científica e a pesquisa do corpo clínico dos hospitais que serviriam de base para a criação da faculdade de medicina, ocorrido após a sua morte a 05 de fevereiro de 1955.

⁷ Id. *Hospitais do Rio Grande do Norte*. Natal, 1988. P. 38.

3. 3. A Administração do Dr. Januário Cicco no Hospital Juvino Barreto/ Miguel Couto

Administrou o hospital por quarenta e três anos. Durante o tempo que permaneceu dirigindo esta instituição procurou transformá-la e adequá-la às necessidades do tempo e da população de Natal. Foi o primeiro diretor, nomeado a 31 de agosto de 1909. *Era médico parteiro, oculista, dentista, dermatologista, analista, colaborando na administração íntima da casa, aparando os golpes imprevistos com discreta agilidade, irradiando bom-humor, entusiasmo, sonho.*⁹ Durante aproximadamente oito anos trabalhou sozinho desempenhando todas as funções acima citadas quando em 15 de janeiro de 1917 o governo nomeou um médico-ajudante, o Dr. Octávio de Gouveia Varela.

À medida que a cidade crescia, o Dr. Januário Cicco procurava com os poucos recursos de que dispunha capacitar o hospital as necessidades da população, ampliando as acomodações, construindo alguns quartos que seriam destinados aos pacientes particulares, criando os serviços de oftalmologia, instalando um gabinete dentário, inserindo no corpo médico alguns colegas que eram rigorosamente selecionados por intermédio de um concurso.

Em 1926 com a preocupação de melhorar o padrão de assistência do hospital criou a clínica obstétrica e instalou um Laboratório de Análises Clínicas. Naquele momento a instituição já possuía quase cem leitos. Todas estas mudanças para serem postas em prática tiveram que ultrapassar a burocracia oficial do governo que impedia o bom andamento dos serviços prestados por esta instituição.

Devido ao longo tempo para aprovação dos processos enviados pelo Dr. Januário Cicco aos órgãos competentes e ao mesmo tempo pensando em ter uma maior agilidade e liberdade de ação para dirigir o hospital que, permanentemente, vivia em dificuldades,

em maio de 1927, Cicco procurou o governador José Augusto com a idéia da criação de uma caixa hospitalar, onde seriam recolhidas com pensionistas para

⁹ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Cidade do Natal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: EDUFRRN, 1980.

*reinvestimentos nas necessidades mais urgentes do hospital sem os atropelos da burocracia.*¹⁰

Nascia a partir daí a Sociedade de Assistência Hospitalar, cujo objetivo era administrar o Hospital, mediante contrato firmado entre o Estado e a Associação e teria por finalidade a prestação de assistência médica e hospitalar a população carente do Estado.

Essa atitude do Estado demonstra o total desinteresse do mesmo com a saúde da população, transferindo a responsabilidade deste para uma instituição civil. Após a criação desta sociedade o Dr. Januário pôde enfim dar continuidade ao seu trabalho de modernização e ampliação do Hospital Juvino Barreto, criando as secções de clínica médica, fisioterápica, cirúrgica, maternidade, bem como de ambulatório, além de contratar novos profissionais para o corpo médico.

Na década de 1940, após muita luta para dar à população de Natal um edifício destinado às parturientes, seu sonho foi mais uma vez adiado. O Brasil entra na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados e Natal, por se tratar de um ponto estratégico é escolhida para tornar-se base militar dos mesmos. *Assim, a maternidade de Natal foi praticamente ocupada, servindo de quartel general aliado e hospital de campanha, perdurando esta situação até após proclamada a vitória.*¹¹ Terminada a guerra Januário Cicco procurou reaver o prédio da maternidade.

Durante a permanência dos americanos na cidade a população de Natal praticamente quadruplicou chegando a quase 50 mil habitantes. Ocorreu um aumento no número de pacientes de caso cirúrgico e urgente e não havia sido criado ainda na cidade um serviço de pronto-socorro. O Dr. Januário resolve então, em 1945, instalar o primeiro serviço de pronto-socorro de Natal, melhorando cada vez mais os serviços prestados pelo hospital à população de Natal. A 12 de fevereiro de 1950 realiza o seu grande sonho. É inaugurada a maternidade de Natal, que mais tarde passaria a ser denominada Maternidade Escola Dr. Januário Cicco, homenagem prestada a este pelos relevantes serviços prestados à população de Natal.

Em princípio de 1952, após prestar contas perante a Sociedade de Assistência Hospitalar do balancete das contas referentes ao ano de 1951, o Dr. Januário Cicco propõe ao conselho e ao governador Sílvio Pedroza a doação dos prédios à

¹⁰ ARAÚJO, Iaperi. **Januário Cicco – um homem além do seu tempo**. Natal: Fundação José Augusto, 1985. P. 18.

¹¹ *Ibid.* p. 26.

Sociedade de Assistência Hospitalar, sendo este o seu ato último no que se refere a direção administrativa da Sociedade de Assistência Hospitalar e do Hospital Miguel Couto e Maternidade Escola de Natal pois veio a falecer em 1º de novembro do referente ano.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

*Eu não me envergonho de corrigir e
mudar as minhas opiniões, porque não
em envergonho de raciocinar e aprender.*

Alexandre Herculano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Dr. Januário Cicco é tido por autores como Iaperi Araújo como o realizador, o literato, o visionário. Enfim, “um homem além do seu tempo”. Não podemos deixar de reconhecer todas estas qualidades no homem que tanto lutou pela implementação e sustentação da saúde pública no Estado do Rio Grande do Norte. Os recursos eram poucos e o diretor Januário Cicco tudo fazia para arrecadar fundos. Em um de seus discursos quando da prestação de contas diante da Sociedade de Assistência Hospitalar, o Dr. Januário proclamava:

Em face destas dificuldades, é para estranhar que a nossa Sociedade venha mantendo, sem solução de continuidade, nem redução de serviços à população, executando uma assistência hospitalar inigualável, entre nós, fazendo o serviço caríssimo de Pronto Socorro, promovendo todos os meios para a eficiência do Banco de Sangue, atendendo à infância abandonada por outros estabelecimentos especializados, recebendo doentes recusados por outros nosocômios subvencionados pelo Estado, fazendo assistência integral na Maternidade, e não sabemos como e por que mecânica administrativa tudo tem ido sem desfalecimento, por mercê de Deus.

Isto também quer dizer que o nosso patrimônio moral é a fortuna que nos ajuda na provisão de meios para a sustentação dessa assistência que vimos mantendo há 24 anos, sem fadiga, nem arrependimento.¹

Com o crescimento do Hospital à custa de muito trabalho e enfrentando diversas dificuldades, toda uma mentalidade sobre o internamento foi modificada. Agora, a população já aceitava com mais naturalidade o atendimento hospitalar, ao contrário do atendimento domiciliar predominante anteriormente.

O Governo subvencionava o Hospital. Contudo, não era suficiente para as melhorias implantadas e para o crescimento constante fruto da vontade e do desejo de auxiliar os pobres de Januário Cicco. Desta forma, para evitar complicações burocráticas, o

¹ CICCO, Januário. Prestação de Contas com Exposição de Motivos. Natal: Sociedade de Assistência Hospitalar, 1951. Apud: ARAÚJO, Iaperi, op. cit., p. 52.

então Governador José Augusto Bezerra concordou com a criação de uma sociedade que deveria administrar o Hospital, mediante contrato e devendo prestar contas de seus atos a cada ano. A Sociedade de Assistência Hospitalar estava formada e oficialmente criada, sendo Januário Cicco seu Presidente. Era o ano de 1927.

Em 1935, o Hospital Juvino Barreto muda seu nome para Hospital Miguel Couto por ordem do Dr. Januário Cicco, em homenagem ao médico que tanto havia se dedicado à causa da saúde pública. A partir daí foi criado o Banco de Sangue, o Pronto Socorro, o Laboratório de Análises Clínicas, que muito contribuíram para a melhoria do atendimento hospitalar e médico do Estado.

Assim sendo, não podemos desconsiderar a figura central do Dr. Januário Cicco que tornou-se de fundamental importância para a questão da saúde pública no Estado. Januário Cicco sim contra tudo e todos lutou em prol de seus ideais e a favor de uma saúde não excludente e sim que atendesse à toda uma população, sem distinção alguma.

BIBLIOGRAFIA

*Só a ignorância aceita e a indiferença
tolera o reinado da mediocridade.*

José de Alencar.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Maria Cália Ribeiro Dantas de. **História do Ensino Farmacêutico no RN: 1920-1992**. Natal: EDUFRN, 1992.

ARAÚJO, Kaline Maria Antunes. **Maternidade Escola Dr. Januário Cicco, uma abordagem histórica**. Natal: UFRN, 1997. Monografia (Graduação).

ARAÚJO, Iaperi. **Januário Cicco – um homem além do seu tempo**. Natal: Fundação José Augusto, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL; Natal: EDUFRN, 1980.

_____. **Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

_____. **O Livro das Velhas Figuras**. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, 1980. V. 2.

COSTA, Emilia Viotti da. **Da monarquia à República: momentos decisivos**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Graal, 1979.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO. Centro de Estudos e Pesquisa Juvenal Lamartine. **Personalidades Históricas do RN (Séc. XVI/XIX)**. Natal, 1999.

LOPES, Onofre. **Discurso Proferido no Banquete de Encerramento dos Trabalhos da Semana de Estudos Médico-Cirúrgicos**. Natal: Departamento de Imprensa, 1955.

_____. **O Padre e o Médico.** Natal: Departamento de Imprensa, p. 33.
Separata da Revista da Academia Norte-rio-grandense de Letras, Natal. 4(4): 139-159,
1956.

MEDEIROS, Bianor. **Um símbolo.** Brasília: Gráfica do Senado, 1972.

SARINHO, Clóvis Travassos. **Hospitais do Rio Grande do Norte.** Natal, 1988.

_____. **Perfis de Médicos do Rio Grande do Norte.** Natal, 1984.

WANDERLEY, Rômulo C. **Noções de História e Geografia do Rio Grande do Norte.**
Natal: Ed. Walter Pereira, 1969.